

Notas sobre Peruíbe

Peruíbe vai comemorar o terceiro aniversário de sua emancipação política e administrativa.

Curiosa a história dessa localidade, que, embora sendo um dos mais novos Municípios do Estado, é também dos mais antigos núcleos de povoamento de São Paulo.

Suas terras pertenceram à Companhia de Jesus. Depois de confiscadas pela Coroa, por ocasião da expulsão dos jesuitas, foram concedidas em sesmaria ao licenciado João José Leite da Fonseca, que com elas pouco se incomodou. Foram sendo ocupadas por alguns poucos posseiros, que as registraram com base na lei de 1851, inclusive pelos padres de Itanhaém, que ali tinham um estabelecimento agrícola, conhecido outrora pelo nome de "Fazenda".

Segundo depoimento do general Arouche e de Machado de Oliveira, a região, isolada do planalto, era habitada sobretudo por índios e mestiços, submetidos a um regime de verdadeira escravidão. Benedito Calixto assinala que "três ou quatro famílias de estrangeiros portugueses, ou descendentes destes, constituíam o único elemento estranho no meio dessa população aborígene, que se estende de um a outro extremo da Praia de Peruíbe. Alguns desses "brancos" (emboavas) possuíam escravos, na maior parte mulatos e caboclos, porém onde o elemento africano foi sempre escasso. Esses senhores e cativos foram pouco a pouco assimilando-se à população e extinguindo-se afinal; ou por outra, misturando-se com a raça indígena, formou essa mescla de mestiços que hoje vemos, mas onde predomina ainda o tipo indígena".

Peruíbe, com sua praia e lindas paisagens, era recanto frequentado por Anchieta. No livro "A vida do venerável José de Anchieta", Charles de Saint-Poy menciona milagres que se operaram por intervenção do taumaturgo não somente na igreja de Itanhaém como em todo o litoral sul, que "o santo missionário chamava "o seu Peru" e onde ele cultivava com particular desvelo e amava com preferência, por lhe proporcionar maior ocasião de sofrer, e por isso mesmo de acrisolar mais merecimentos".

turístico. Contudo, as condições mudaram e Peruíbe ganhou impulso. De modesta vila dos pescadores, passou a cidade. Transformado em balneares, com população flutuante que aumenta continuamente, adquiriu foros de Município. E agora, com a estrada de rodagem prestes a ser terminada, numa fita de asfalto a partir da Ponte Pensil, progredirá ainda mais, constituindo-se num refúgio magnífico para os paulistanos cansados, que, todos os fins-de-semana, descem a serra do Mar em busca de repouso.

Relembrando um pouco do passado, queremos render nossa homenagem a Peruíbe. Que, sem favor, do ponto de vista histórico e etnográfico, é um dos núcleos mais entranhadamente paulistas, embora, na família dos municípios, seja dos mais jovens.

Numa das cartas de Nobrega consta a referência de que "quando se efetuou a paz com os tamoios, houve festas em Itanhaém e na aldeia com os tupis dos padres..." — numa alusão direta ao pequenino burgo.

Até recentemente, em Peruíbe e Itariri, subsistiram aldeamentos. Mesmo hoje, descendentes daqueles índios vivem e ali fabricam rudimentares artigos — arcos, flexas etc. — para comércio

ITANHAEM DE OUTRORA

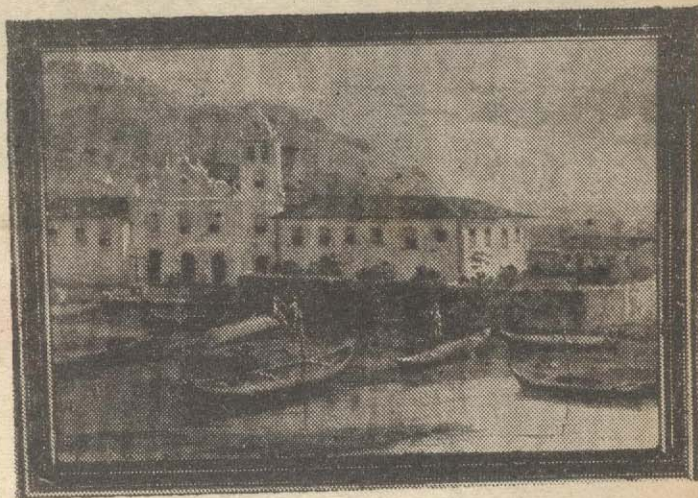
Benedito Calixto de Jesus, o grande itanhaense — Sua vida e suas obras — Mais telas do insigne pintor e historiador — Calixto tinha deixado de autenticar as obras sacras da Matriz da Bocaina

LXXIV — EDISON T. AZEVEDO

A infinidade dos trabalhos artísticos que vamos descobrindo do insigne pintor itanhaense, Benedito Calixto de Jesus, nos faz crer da justiça desta homenagem que lhe estamos prestando, através dos artigos dedicados à sua terra.

QUADROS E SEUS DONOS

"Longe do lar", pintado em Paris, em 1883 (Família do Visconde Vergueiro); "O Evangelho das selvas", reprodução (Convento da Glória — São Paulo); "Porto de Santos em 1879" (Cia. Docas de Santos — Rio); "Antiguidades" (Centro de Ciências Letras e Artes de Campinas); "O tio Clemente" — Fazenda Santa Maria — Bebedouro (Família João Carvalhal); "Panorama de Santos" (Associação Comercial de Santos); "No carreador — Carro de boi" — Brotas — 1893; "Salto do Jacaré" — Brotas — 1893; "Passarinhando" (croquis); "Rio Jacaré" — Brotas — 1893 (dr. Otávio Andrade); "A fiandeira" — Bebedouro — 1905 (dr. Eugênio Braga); "Dama antiga" (Luiz Rodrigues de Souza); "Vista panorâmica de Santos" (Família Ribeiro dos Santos); "Nos fundos do meu quintal", "Últimos retoques", "Amadores de bandolim", "Leitura" e "Serra Paranaíacaba" (Prefeitura de Belem — Pará); "Carro de boi" — Bebedouro (Luiz Arruda Cardoso); "O meu jardim" (Palácio Episcopal de Campinas); "Vista panorâmica de Atibaia" (Clube de Atibaia); "Vila Indaia" — Bertloga — Casa de Vicente de Carvalho; "Marinhas de Bertloga" (Família de Vicente de Carvalho); "As perobeiras" — 1905 — Bebedouro, uma espécie de flora paulista que agoniza; "Cortume do Porchat" e "Cemitério dos Ingleses em Santos" — 1888, com uma carta elucidativa do autor e "Marinha Vicentina — Paranaíba" (Américo Martins Júnior); "Vila Velha" — Vitória — Espírito Santo (Palácio Episcopal de Campinas); "Auto retrato", "Uma cachoeira do Rio Sorocaba" e diversas marinhas (Museu de Arte de São Paulo); Retratos: do dr. Cunha Moreira, Narciso de Andrade e do prof. João Batista Leal (pertenceram ao Gabinete de Leitura de Itanhaem); de Zeferino Soares (Família Zeferino Soares); de Leopoldino Antonio de Araujo (Família B. Calixto); de João Mariano Soares (Família João Mariano); do sr. e sra. João Batista de Arruda Cardoso (Família Arruda Cardoso); de João Pedro de Jesus (Família Calixto); de Casimiro Teixeira Rios (Família Rios-Pinhal); "Paisagem de Santos" (Banco da América — Santos); "O vulcão do Macuco" — Santos, 1896 (Família Francisco Andrade); "Praia de Peruibe" — Trabalho de Saneamento, 1902; "José Menino" — Ilha Urubupueçaba em 1902 e "O vulcão do Macuco", aquarela (Instituto Histórico e Geográfico de Santos); "Velho solar dos Regos Baldadas" — S. Sebastião e "Paisagem de S. Sebastião" (Família Hipólito do Rego); "Garganta do diabo" (Família Parreira); Pinto; "Foz do rio Itanhaem" (Luiz "Marinhas" — 3 (Família dr. Adolfo Bueno de Miranda); "Canal de Santos" (Família Alfredo Weisflog); "Convento de N. S. da Conceição — Itanhaem", "A ponta de Mongaguá", "Eva no paraíso" e desenho para a placa comemorativa do 7.º Centenário de São Francisco de As-



sis, no Convento de Santo Antonio do Valongo - Santos (Família Júlio Conceição); "Na beira da estrada" — Interior de São Paulo — 1903 e "Paisagem de São Vicente" (José Cavalcanti); "Paisagens" — 2 (Valdemar Marques); "Naufrágio" (Família Carlos Escobar); "Porto do Guaratubá-Itanhaem" (Mario Esteves de Carvalho); "Fortaleza da Bertloga" (Família Comendador Sales Collet); "Recanto da Ilha Porchat" (Família Marques Pereira); "Praia de Itanhaem" (Valdemar Reis Metreles); "Marinha" — São Sebastião (Família Pamplona); "Praia do José Menino" — 1909 (Clube XV — Santos); "Nos fundos do meu quintal" (Dr. Américo Sampalo); retrato do Dr. Nepomuceno Freire (Família N. Freire); "Ilha Porchat" — 1908 (Família do dr. Godofredo Wilkm).

TELAS CUJOS PARADEIROS SÃO IGNORADOS

"Leitura" — cabeça de velho, "João Alcorão" — retrato, "Velha capela de São Gonçalo" — S. Sebastião, "No pouso" — Bebedouro 1905, "Pontal da Cruz" — S. Sebastião, "Praia da Enseada" — Caraguatatuba, "Porto de embarque" — Caraguatatuba, "Aspecto de Caraguatatuba", "Aspecto de São Sebastião", "Convento de São Francisco" — S. Sebastião, "Estirão do Guaratubá", Itanhaem, "Convento da Penha" — Vitória, "Costão do Givura" — Itanhaem, "Praia do Paranaíba" — S. Vicente; "Praia das Salinas", Itanhaem; "Velhas figueiras" — Itanhaem, "Praia de Caraguatatuba", "Vale do Atibaia", "Perto da praia" — São Vicente, "Velho paiol" — Valinhos, "Pico do Baependi" — Caraguatatuba, "Bertloga", "Porto Tumiaru" — Aspecto antigo — S. Vicente, "Canto da Ilha Porchat" — Aspecto antigo de S. Vicente, "Baía de S. Vicente", "Praia do Itararé", "Itaororó" — Entrada do caminho do Monte Serrat — Santos, "Ruínas do Forte do Aracá" — S. Sebastião, "Ruínas da Igreja do Abarebé" — Praia de Peruibe, "Beneficência Portuguesa" — a antiga — Santos, "Ruínas do Forte de Itapeema" — Santos, "Forte Augusto" — Santos antigo, "Praia do Góls" —

Santos, "Bêco do Corvelo" — Santos antigo, "Passagem" — S. Vicente, "José Menino em 1915" — Santos, "Casa de caboclo" — Paisagem de S. Vicente, "Ruínas de São Sebastião", "Caçada de antas", Itanhaem, "Vacas e bezerros na praia", "Santos visto do Itapema", "Antigo Forte da Bertloga", "Velho pórtico", Fazenda dos Regos, Baldadas, "Pedra do Sino", Vila Bela; "Praia da Garapocaiá", Vila Bela, 1892, "Revoada de Malo" — Nã, "No pouso" — Bebedouro, 1905. Não foi localizado o estudo para o quadro histórico "Humaitá ocupada pelas forças aliadas em 25 de julho de 1863", executado segundo relato de um oficial amigo que participou dessa ocupação militar. Outro estudo histórico: "A passagem da esquadra brasileira pela Fortaleza de Humaitá".

AINDA AS TELAS DE CALIXTO NA MATRIZ DE S. JOÃO DA BOCAINA

Um pormenor interessante deixamos de citar, por ter só agora chegado ao nosso conhecimento, com referência às telas existentes na Matriz de São João da Bocaina, executadas pelo pintor itanhaense.

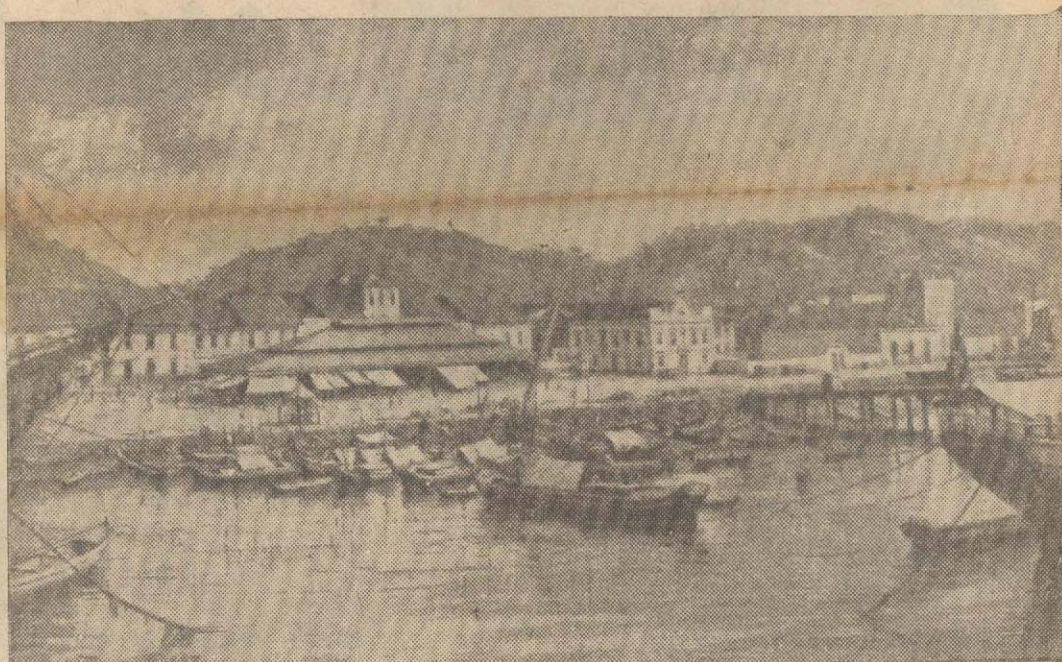
Soubemos por intermédio do nosso velho e distinto amigo, sr. Hugo Vaz de Lima, interessado na leitura sobre a vida do imortal artista, que o dr. José Maniero, ex-morador em Bocaina, atualmente cirurgião dentista em São Paulo, testemunhou no ato da inauguração dos quadros, ter Calixto esquecido de autografar as suas telas sacras. O vigário, alertou então o artista, o qual, incontinenti, autenticou as obras pictóricas. Esse esquecimento do pintor vem provar o que dissemos no Cap. LXXI, do seu abalado estado de saúde.

— No clichê, a tela existente na Prefeitura de Santos, representando o Convento de Santo Antonio do Valongo, fundado em 1640, quando ainda não existia a estação da estrada de ferro. A parte em que se vêem canoas e canoieiros foi aterrada. A parte lateral, à esquerda da nave foi demolida para a construção da estação da São Paulo Railway (hoje E. F. Santos-Jundiaí), a qual foi inaugurada em 1859, há cem anos, portanto.

ITANHAEM DE OUTRORA

Benedito Calixto de Jesus, o grande itanhaense — Sua vida e suas obras — Telas em poder dos membros da família — No cemitério do Paquetá os restos mortais do insigne pintor

LXXV — EDISON T. AZEVEDO 22/11/59



Ainda não está encerrado o nosso trabalho com referência às pinturas que Benedito Calixto de Jesus executou, para a glória de Itanhaem e da arte nacional. A relação de suas telas que vimos publicando, despertou a atenção dos admiradores do inesquecível mestre, dos seus alunos, amigos e de todos os artistas do pincel.

QUADROS — CROQUIS E ESTUDOS COM A FAMÍLIA BENEDITO CALIXTO

"Longe do lar", "Fundação de São Vicente", "Velho aqueduto", S. Sebastião; "A caminho de Piratinin-ga", "Chá em família", "Naufrágio do "Sírio", "O poço de Anchieta", "Pedra de Mato", Praia de São Vicente em 1916; "Cachoeira seca", Valinhos; "Lavador de café", Brotas, 1893; "Pescada", Natureza morta; "Armando urupuca", "Pedra dos ladões", S. Vicente; "Itaquanduva", Itanhaem; "Biquinha", S. Vicente em 1904; "Estudo de animais", Valinhos; "Angelus", "Cabeça de mulher", 1896; "Menina moça", 1896; "Martírio e morte de Sta. Cecília", "Santa Cecília recebendo o véu", "O Calvário", "A barca "Caldebek", encalhada na Praia Grande", "Crepusculo", "Ce-

minho do Porto", Itanhaem; "Serra do Cubatão", 1907; "Chafariz", Atibala; "Japui", S. Vicente; "Cotia e lagosta", natureza morta; "Outerinhos", Santos, 1895; "Mar agitado", Ilha Porchat; "Rio Branco", Itanhaem; "Japui", S. Vicente; "Arvores", "Perobeiras", "As perobeiras", Bebedouro; "Ponté Pênsil"-S. Vicente; "Matriz de Itanhaem", 1922; "A casinha de Nhandá", Itanhaem, 1922; "Dia chuvoso", Praia Itararé; "Convento e Gabinete de Leitura", Itanhaem; "Estudo de animais", Valinhos; "Estudo", Palmeiras; "Margem do Sena", Paris, 1883; "Marrecos", "Meu quintal em 1897", "Pássaros", natureza morta; "Fundos do Convento", Itanhaem; "Estudo de floresta", "Tumiaru", S. Vicente; "Porto de Itanhaem", Prainha; "Rancho das canoas", Itanhaem, 1921; "Primeiro plano da Serra", 1907; "Caraguatás", "Palmeiras Imperiais", Chácara Bento Viana, S. Vicente; "Ruínas do Convento", Itanhaem; "Praia do Paranapuá", S. Vicente; "Iate naufragado", Praia Itararé, aquarela, 1895; "Antigo bico", Itanhaem; "Retrato da Aurora", "Praia das conchas", "Porto Tumiaru", aquarela; "Recanto de praia", S. Vicente; "Caminho de Itaguara", Itanhaem; 1906; "Pôr do sol", Praia de S. Vicente; "Rio

Branco", Itanhaem; "Pôr do sol", Atibala; "Golabás", natureza morta; "Caçada de paca", "Puxando a rede", Itanhaem; "Anchieta", "Praia do meio", Itanhaem; "No quintal do vovô", "No caminho de baixo", "Rio Preto", Itanhaem; "São Pedro recebe o poder espiritual da Igreja", aquarela; "São Paulo curado da cegueira por Ananias", aquarela; "Epopéia dos Babelrantes", aquarela; "Fundos da chácara", S. Vicente; "Largo da Matriz", S. Sebastião; "Fazenda Santa Maria", Bebedouro; "Alegoria à Música" (painel que existiu no teto da sala de visitas de sua residência, em S. Vicente e que está aguardando a abertura do museu, para a sua exposição), "Porto novo", Itanhaem; "Pêixes", "Pássaros", "Saldo do Jacaré", Brotas; "Piaçaguera", "O Cruzeiro", Itanhaem; "Sítio Rio Branco", "Estudo de navios", Porto de Santos; "Pedra de Mato", S. Vicente, "Prainha", Itanhaem.



O HISTORIADOR ANTONIO LUDGERO DOS SANTOS COLABOROU COM BENEDITO CALIXTO

Na "A TRIBUNA" de 1 de agosto de 1918, por ocasião do Centenário do Nascimento do historiador, Antonio Ludgero dos Santos, natural de Ubatuba, e que residiu durante 64 anos em S. Vicente e Santos soube-mos que o mesmo colaborou com Calixto, em diversos trabalhos referentes à antiga terra fundada por Braz Cubas, inclusive croquis, dando às casas da época, além da sua conformação, as cores que passariam a ostentar.

OS RESTOS MORTAIS DE CALIXTO NO CEMITÉRIO DO PAQUETÁ

Não se interessaram os políticos de São Vicente e Itanhaem, em 1927, pelo sepultamento dos restos mortais do grande pintor, nos campos santos de suas cidades. Santos, chamou a si, o direito de guardar no cemitério do Paquetá, em túmulo perpétuo doado pela Prefeitura, o homem que deixou nas inúmeras telas coloridas, o seu talento, a beleza da nossa história e dos nossos recantos.

Entretanto, os anos vão passando, e as autoridades responsáveis, entidades culturais, estabelecimentos de ensino e Institutos Históricos e Geográficos, não têm cultuado a sua memória e nem sequer vão depositar uma bráçada de flores em sua campa, onde se vê em bronze, o busto austero do imortal artista.

— No clichê, o porto de Santos, executado pelo pintor, em 1887; o túmulo de Calixto, no cemitério do Paquetá, em Santos.

ITANHAEM DE OUTRORA

A pia histórica, quando ainda estava no nicho das ruínas — O aldeamento de “São João Batista” ou “Abarebebê” — As imagens e alfaias foram levadas para a matriz de Santana
— Desenho-original a nanquim, de Benedito Calixto

LVII — EDISON T. AZEVEDO

19-7-59



22

Temos procurado na medida do possível, inculcar no espírito da geração moderna, o respeito e o gosto pelas coisas dos nossos antepassados.

Embora a afirmativa de alguns descrentes, tratar-se de uma cruzada ingrata, não desanimaremos em nosso intento.

Apaixonados pelo assunto, aqui estamos, no descolorido destas des-

pretenciosas linhas, procurando proporcionar algo de interessante em homenagem aos que, tão amavelmente, nos vêm dispensando sua valiosa ajuda ou acompanhando esta série de artigos.

Como dissemos, fomos passar alguns momentos de êxtase, por ocasião de nossa visita às ruínas históricas da Igreja de São João Batista, na Aldeia do "Abarebebê". Dissemos o que vimos e sentimos.

A PIA HISTÓRICA, QUANDO AINDA ESTAVA NO NICHOS DAS RUÍNAS

Anteontem fomos procurados pelo dr. Benedito Calixto de Jesus Neto residente na capital, que nos proporcionou agradável surpresa, cedendo-nos, para a ilustração do capítulo de hoje, o desenho de autoria do seu saudoso avô, o insigne pintor itanhaense, Benedito Calixto, trabalho esse executado a nanquim. Representa a histórica pia batismal antes de ser retirada das ruínas da igreja para o Museu do Ipiranga. Calixto levou consigo cinco camaradas, entre os quais, Porfírio Digo, que, após procederem à limpeza do local, facilitando o trabalho do artista, posaram para o mesmo.

Queremos aqui testemunhar a nossa gratidão ao velho amigo, dr. Calixto Neto, cedendo-nos o desenho original em apreço.

Quantos varões, escravos e índios não teriam se tornado cristãos, recebendo nessa pia, as águas lustrais do batismo?

Quantos batismos não teriam sido ali ministrados pelos padres Leonardo Nunes (o "abarebebê") e Anchieta (o "pagé-guaçu") e tantos outros?

A relíquia, que hoje é admirada pelos visitantes do museu paulista, no, esteve muito tempo em completo abandono, esquecida entre as ruínas, devido ao indiferentismo dos homens. E se providências enérgicas e madiáveis não forem tomadas pelos atuais responsáveis, desaparecerão os únicos vestígios do primeiro povoamento das plagas itanhaenses, como assim foi exposto, nestas colunas, no capítulo LV.

O ALDEIAMENTO DE "S. JOÃO BATISTA" OU "ABAREBEBÊ"

O aldeamento de "São João Batista", também chamado de "Abarebebê", teve suas fases de glória e de progresso. Mas os tempos se passaram e em 1761 foi extinta a famosa Companhia de Jesus e a expulsão dos seus componentes estaria completa em 1773. Todos os seus bens, móveis e imóveis, passaram à propriedade do Estado ou da Coroa.

O aldeamento com isso, sofreu sensível transformação, isto é, decalou rapidamente. Os moradores,

aos poucos, foram abandonando o local, e os criadores os seus haveres. Em consequência, a igreja que deveria, pelo menos, ser preservada como patrimônio histórico, converteu-se em ruína. Em seu redor ficaram apenas alguns apegados ao berço dos seus avoengos e bugres metidos em suas choupanas de sapé. Muitos se refugiaram no Bananal e às margens dos rios Itariri, Guanhã e Azeite, onde hoje existem seus descendentes.

AS IMAGENS E ALFAIAS FORAM LEVADAS PARA A MATRIZ DE SANTANA

Sem sacerdotes e sem fiéis que olhassem pelo templo já abandonado, foram as imagens e alfaias transferidas em 1773 da Aldeia de São João, de Peruíbe, para a Matriz de Santana, em Itanhaém. Entre essas imagens destacam-se da Imaculada Conceição (a "Virgem de Anchieta", segundo a tradição popular) e São João Batista. Até hoje, são conservadas pelos itanhaenses e expostas à veneração dos católicos e amantes das artes sacras.

Peruíbe, com seus caiçaras humildes e destituídos de espírito ambicioso, estacionou. Nunca atentaram os seus homens para a grandiosidade do seu importante passado no âmbito da História do Brasil. Viavam embevecidos ante a beleza das praias e o murmúrio do mar revoltoso.

Hoje, entretanto, movimentam-se os peruibenses, desejosos de que o venerável solo, palmilhado por devotadas figuras de outrora, seja emancipado política e administrativamente.

Oxalá, os que se propõem a dirigir a nova célula municipal, imbuídos de exata compreensão e responsabilidade, sejam conduzidos a dispensar seu máximo carinho às ruínas da igreja de São João Batista, do Abarebebê, merecedoras de respeitável atenção.

— No clichê, a pia batismal da igreja de São João Batista, na aldeia do "Abarebebê", na praia de Peruíbe, desenho a nanquim de Benedito Calixto.

Pintura de Tabuletas Foi Ganha-Pão de B. Calixto

* MÚSICO DA BANDA DE ITANHAÉM — ENTRE A ESCOLA E FOLGUEDOS — A SEGUNDA FASE FOI A EUROPA — LONGE DA BOÊMIA E DOS VICÍOS

* CONFUSÃO NO MUSEU GRÉVIN... — DISTRAÇÕES DO GRANDE PINTOR — AMIZADE COM CAPISTRANO — ANCHIETA NÃO USAVA BOTAS!

Itanhaém, 14 de outubro de 1853. Na casa de um patriarca, nasce o menino Benedito Calixto.

A vida, no pequenino burgo, isolado nos confins da Praia Grande, era verdadeiramente patriarcal, pois aos velhos cabia a tarefa de traçar as normas da comunidade, no sentido de estreitar cada vez mais a amizade paterna.

Os jovens aprendiam um ofício, não propriamente como profissão, mas como meio de ajuda às necessidades locais. Mais tarde, vamos encontrar o menino Benedito aprendendo marcenaria, seguindo o exemplo de seu pai, ferreiro profissional, sempre pronto a forjar eixos e calçar as rodas das carroças, pela praia Grande, entre Itanhaém e o Porto do Ruy (S. Vicente).

MÚSICO

Benedito era também músico da velha banda de Itanhaém; mas o seu pendor pela música era limitado, ao contrário de seu irmão João Pedro de Jesus, que foi exímio clarinetista, e Antonio Pedro de Jesus, que fundou e regeu bandas de música de São Vicente e Santos. Calixto passou a sua infância entre a escola e os folguedos. Sua paixão era desenhar a carvão, que ele mesmo preparava, surpreendentes aspectos das paisagens que o cercavam.

Ajudava o velho vigário nos misteres da Igreja Matriz de São Santa Ana, acompanhando-o às vezes, na sua obra missionária, rio Preto ou rio Branco acima. Pintava "ex-votos", que os fiéis, seus amigos, penduravam, em cumprimento de promessas, ao lado dos altares dos santos de suas devoções na velha Igreja Matriz. Os primeiros presépios, erigidos em Itanhaém, pelo Natal, foram imaginados e executados por quem, mais tarde, se tornaria o famoso Benedito Calixto, que deu a essa prática piedosa um cunho tão tradicional, que até hoje os seus descendentes erigem em seus lares o Presépio de Belém, e celebram o Natal diante da imagem do Menino deitado em sua manjedoura.

O ADEUS

Mirando-se no exemplo do irmão mais velho, João Pedro, o qual prosperara em São Paulo, após cursar a escola do velho professor Campos, na antiga chácara da Figueira, Calixto resolveu deixar Itanhaém, horizonte limitado para seus sonhos. Esperou pela festa da Imaculada Conceição e, na mesma noite, arrumou uma mala, despediu-se de pais e irmãos e

rumou a pé, para Santos, palmilhando a Praia Grande imersa nas sombras da noite.

CASADO

Permaneceu o jovem Calixto durante algum tempo em Santos, onde o seu ganha-pão provinha da pintura de prosaicas tabuletas, ou da composição de paisagens, que ele pintava caprichosamente nas paredes e tetos das mansões dos santistas ricos da época.

Depois de uma incursão pelo interior da então Província de São Paulo, Calixto voltou a Itanhaém, para desposar, na velha Matriz de Santa Ana a que foi a sua companheira, durante todo o resto de sua vida.

Casado, Calixto partiu com sua esposa para Brotas, onde foi residir com o seu irmão João Pedro. Mas apesar do seu espírito combativo, e do seu ânimo inquebrantável, Brotas não lhe foi propícia. Ali nasceram e morreram, os três primeiros filhos. Ao aproximar-se o nascimento do quarto filho, Calixto levou a esposa para Itanhaém.

As grandes vicissitudes de Benedito Calixto eram sempre de ordem econômica. Disposto a vencer na luta pela vida, ele de novo abandonando Itanhaém, para fixar-se outra vez em Santos, com a esposa e a filhinha.

EUROPA

Aqui começa a segunda fase da sua vida, pois foi nesta época que ele decorou o Teatro Guarany, o que lhe valeu a viagem de estudos à Europa, onde, em Paris, em contato com mestres da pintura, conseguiu disciplinar a impetuosidade artística que, desde a infância, lhe tocava a alma, tornando-se o pintor sábio, calmo, tranquilo. Calixto era católico verdadeiramente convicto. Na sua árvore genealógica havia mesmo dois itanhaenses que abraçaram o sacerdócio: um foi padre secular, e o outro foi um ilustre franciscano, que chegou a ser Provincial no Rio de Janeiro. O seu catolicismo era tão arraigado que às vezes o tornava hostil e intolerante contra aqueles que o contradiziam em matéria de fé.

Era natural pois, que, em Paris, ele não se imiscuisse com os pintores boêmios das ruas de Montmartre, nem procurasse os livres-pensadores que enxameavam o "Quartier Latin", pregando o racionalismo, as teorias protoplasmicas de Huxley, as concepções materialistas de Claude Bernard, a religião positivista de Comte, e, sobretudo o anticlericalismo feroz que predominava na França daqueles tempos.

NO MUSEU...

Um dia foi visitar o célebre Museu Grévin, de figuras de cera, e que até hoje ainda existe em Paris, atraindo os turistas que vão à Cidade-Luz. Uma vez lá, o praiano de Itanhaém ingressou no salão dos espelhos, perdendo, naquela confusão de imagens, a porta da saída.

Após vários encontros com a sua própria imagem, ele foi delicadamente conduzido à porta da saída por um amável guarda.

Passando a outro salão, e não sabendo como subir ao andar superior, Calixto pediu informações ao gendarme parisiense, que calmamente se recostava a uma coluna ao centro do salão.

O policial, olhando-o fixamente, nada respondeu. Calixto repetiu a pergunta, caprichando na pronúncia do francês, que vinha praticando num pensionato. Diante da impassibilidade do gendarme, foi que ele descobriu envergonhado, que o homem era de cera...



FUNDAÇÃO do Convento Nossa Senhora da Penha (Vitória).
Chegada do frei Palácios em Vila Velha.

DE VOLTA

Regressando da Europa, Calixto ficou residindo em Santos. Tendo feito uma exposição de seus quadros em São Paulo, seus amigos animaram-no, sugerindo que ele viesse de mudança para a Capital, cujo meio artístico, diziam, lhe seria mais propício.

Calixto veio para São Paulo, mas pouco demorou. A vida na Capital, já, naquele tempo, febril e agitada, deixava-o desambientado.

Atacou-o a nostalgia do mar, que amava profundamente. E retornou para o litoral, indo residir definitivamente em São Vicente, de onde nunca mais saiu.

Calixto era um bom, na verdadeira acepção da bondade. De-

Sucedía então que ele saía de casa sem gravata, tomava bondes errados, perdia os horários e esquecia o guarda-chuva em lugares nunca mais sabidos. De uma feita, no Rio de Janeiro, levou o relógio a um relojoeiro, para um pequeno reparo, e quando foi para buscá-lo, ficou muito admirado de não se lembrar mais em que rua, e em que loja havia deixado o velho relógio para o conserto. Outra vez viajou para São Paulo, ostentando um velhíssimo e roto chapéu, cheio de manchas de tinta a óleo, e que tinha o hábito de usar quando trabalhava no atelier. Tal fato, para vergonha do pintor, causou grande hilaridade aos amigos que encontrou no trem. E ao chegar na Luz, esses amigos levaram-no pelo braço a uma

loja da rua Mauá, ofertando-lhe solenemente um chapéu novo.

Era preciso que a esposa andasse de olho nele, pois, segundo ela dizia, "era capaz de, num belo dia, sair para a rua em trajes menores".

Ele ria-se das próprias distrações, mas era impotente para corrigi-las.

CAPISTRANO

Capistrano de Abreu era grande amigo de Calixto, a quem chamava familiarmente, "o Bene". De quando em vez, Capistrano ia do Rio a São Vicente, para matar saudades com Calixto e o amigo de ambos, Domingos Taguaribe, e entre os três travavam-se então intermináveis discussões sobre a história do Brasil colonial. Numa dessas visitas, Calixto decidiu levar Capistrano a Itanhaém, que o historiador nortista não conhecia. Formou-se pequena comitiva,



BENEDITO Calixto, um dos maiores representantes brasileiros da pintura acadêmica, paisagista fino e elegante.

baixo daqueles bigodes agressivos, e daquela cabeleira revolta, aninhava-se a alma simples de uma criança. Caritativo ao extremo, sua casa vivia cheia de parentes, que ele e sua esposa criavam e sustentavam.

Aos domingos, punha toda a turma em movimento, para a missa obrigatória; e aí daqueles que não comungavam pela Páscoa da ressurreição, pois ele era intransigente na prática da religião.

Tinha, entretanto, um grande amigo: o ministro protestante da igreja anglicana do José Me nino. Era um inglês que admirava a cultura artística do pintor, e com ele digressava sobre as belas-artistas. Mas nunca lhe disse uma palavra sequer sobre religião, porque sabia de antemão que Calixto explodiria.

DISTRAÍDO...

O seu maior martírio eram o canivete e os tocos de lapis. Perdia-os constantemente, e era uma luta para ele e seus "agregados", encontrarem, no meio daquela desordem, ou o canivete ou o almejado tóco de lapis. Deliberou-se prender três tocos de lapis a compridos barbantes, amarrando-os firmemente, um ao seu grande cavalete, outro no pé de sua escrivaninha, e o terceiro com o canivete, ao cavalete, onde compunha os croquis dos seus grandes quadros.

Calixto era excessivamente distraído, o que não era de estranhar, pois o artista tinha a cabeça constantemente cheia dos temas de arte, das locubrações de história, e também dos seus problemas domésticos.

encabeçada por Calixto, e da qual faziam parte Capistrano, Taguaribe e mais alguns amigos do pintor. Chegados a Itanhaém, Calixto, que era "cadrático" na história das capitães paulistas, dominou logo a situação, arrastando Capistrano, Taguaribe e o resto da turma em grandes caminhadas pelos recantos mais notáveis da sua amada terra natal. Falar da história de Itanhaém e não falar de Anchieta, era coisa absolutamente impossível, de sorte que o velho Calixto, profundo conhecedor das perambulações do apóstolo jesuíta por aquelas paragens, ia discorrendo, à frente da comitiva:

"Aqui esteve Anchieta; ali Anchieta fez isto; acolá Anchieta deliberou aquilo", e era como se o espírito do grande jesuíta estivesse pairando sobre a comitiva.

Terminada a longa excursão pelos recantos itanhaenses, a comitiva, exausta, reuniu-se no restaurante "Spadone", para a peixada encomendada para o almôço. Depois do almôço, refeitos do cansaço, fortalecidos pelo peixe, Capistrano levantou-se e disse gravemente aos seus companheiros:

"Amigos. Convido-vos a enviarmos, deste belo recanto, uma saudação ao nosso bom amigo Vieira Fazenda, no Rio, grande e entusiasta admirador da história anchieta de Itanhaém". E pedindo papel e tinta do dono do restaurante, escreveu: "Vieira Fazenda — Vulgo Tapera — Rio — De Itanhaém, onde nunca Anchieta perdeu as botas, enviamos nosso saúdo". E assinou convidando todos os outros a assinar. Calixto refugou, fulminando a comitiva com um olhar feroz.

— "Assina aqui Bene" — insistiu Capistrano. Ai Calixto estourou:

— "Pois, você, Capistrano, tem a coragem deslavada de escrever ao Tapera, dizendo que Anchieta jamais perdeu as botas por aqui?"

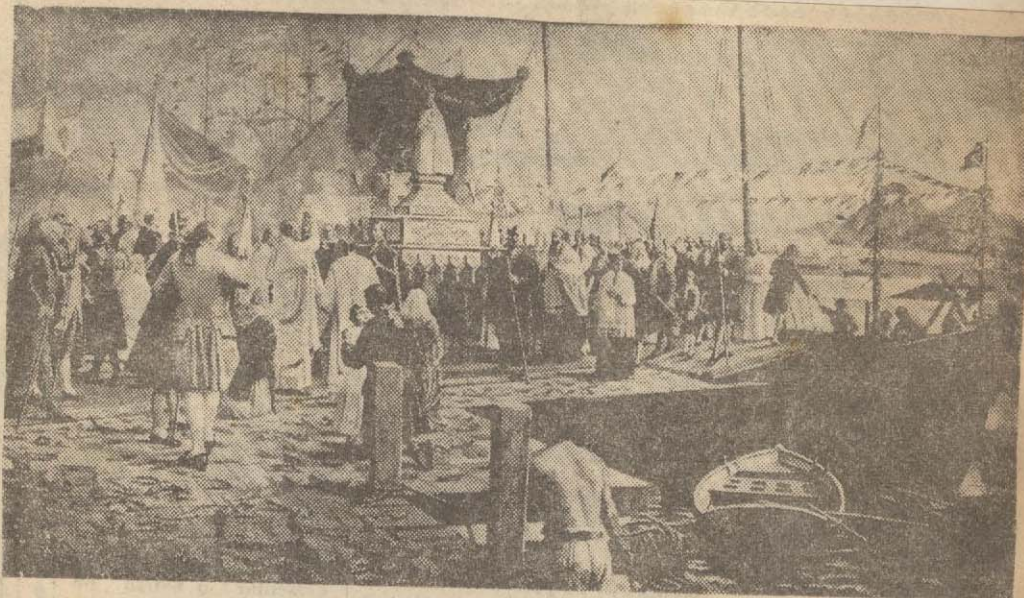
— "Claro — disse Capistrano. E responda-me. Bene: Anchieta usava botas?"

— "Não" — gritou Calixto. "Pois, então, seu Bene, como é que ele podia perdê-las por aqui?"

A risada foi geral. Escusado é dizer que tal missiva fôra preparada por Capistrano, simplesmente para arrelhar o seu velho amigo

METICULOSO

Calixto, como pintor, era de uma meticulosidade realmente notável. Para pintar, por exemplo, a "Fundação de São Vicen-



"O MILAGRE da Sêca", também do Convento da Penha. Trabalho característico de Calixto.

te", ele armou no seu quintal uma verdadeira taba, povoada de autênticos bugres que fôra buscar no aldeamento do Bananal, rio acima de Itanhaém. Aliás, o grande quintal de sua casa de São Vicente era impar. Além de frondosos jambolões, havia, plantados pelo próprio artista, araçazeiros, abacateiros, grumixameiras, aroeiras, caramboleiras, pitangueiras, touceiras de tucum e brejaúvas, grupos de palmeiras, dentre as quais sobressaía a esbelta jussara, balançando o seu penacho ao vento que vinha do mar. As aventuras e as samambaias cresciam livremente junto aos muros cobertos de musgo.

Atirar pedras nos passarinhos, usar estilingues, eram coisas absolutamente interditas por Calixto, e, por isso, a passarada tomou conta do seu grande quintal. Os sanhaços e os gaturamos vinham tranquilamente bicar as frutas maduras e os sabiás faziam ninhos nas frondes dos jambolões.

Um dia, Calixto ergueu, no meio de seu quintal, um enorme mastro de navio, em cujas vêrgas e cordoames dependurou grandes velas brancas de algodãozinho, ostentando as rubras cruzeiras de Cristo, das caravelas quinhentistas. E passava horas a fio, de palheta em punho, a estudar aquelas velas, ora pandas ao vento que soprava, ora caídas na moldura das calmarias; e essas vidas ele as pintou nas naus de Martim Afonso, em Tumiaru. Frequentemente saía com a sua caixa de tintas a pintar pequenas manchas

do natural para utilizá-las nos detalhes de suas grandes telas.

OBRAS

O artista de Itanhaém, discípulo de Boulanger, Lafèvre e Fleury, morreu em 31 de maio de 1927, nesta Capital. Deixou famosos quadros, como: Longe do Lar. Uma cena do Dilúvio, Poema à Virgem, Evangelho das Selvas, Boitatá, Anhangüera, Mãe d'água, Mãe de Ouro, Desembarque de Martim Afonso de Souza, A Fundação de Santos, Martim Afonso a Caminho do Sertão, A Frota de Martim Afonso no Porto das Naus, Retrato de Domingos Jorge Velho,

Vida e Martírio de Santa Cecília, Revoadas de Malo, Panorama de Santos, Pedro II nas Cavalhadas de Campinas, A rua da cruz preta, A inundação da varzea do Carmo, O Batismo de Jesus, A Ceia do Senhor e O Mosteiro de São Bento.

Outrossim, publicou "Costumes da minha terra" (contos).

...

Este esboço da vida fascinante e fecunda do grande artista patricio Benedito Calixto, foi baseado em um estudo do arquiteto Benedito Calixto de Jesus Netto, sobre alguns dos maiores pintores brasileiros.

BENEDITO CALIXTO - VIDA E OBRA

Benedito Calixto de Jesus Neto - I

Iniciamos, hoje, a divulgação de uma série de artigos sobre Benedito Calixto, cujo 110.º aniversário de seu nascimento transcorreu dia 14 de outubro último, escritos a propósito da exposição de quadros do ilustre pintor realizada pelo Lions Clube de Santos-Centro. O autor, Benedito Calixto de Jesus Neto, é membro do Instituto de Arquitetos do Brasil, da Sociedade de Arquitetos do Brasil, Sociedade Brasileira de Artistas Cristãos e titular da cadeira "Benedito Calixto" do Instituto Histórico e Geográfico de São Vicente e da Academia Brasileira de Belas Artes. (N. da R.)

Muito se tem discutido, até o

presente, sobre a personalidade de Benedito Calixto, sobre os seus méritos indiscutíveis como pintor, como historiador e outras várias atividades de sua cultura poliforme. Nada há a acrescentar às manifestações de sua pujante inteligência até agora narradas pelos ensaístas de sua biografia; de sorte que prefiro neste ligeiro ensaio, encarar a face por assim dizer humana do grande pintor, numa tentativa de fixar-lhe o perfil de homem simples que ele sempre foi, durante toda a sua vida.

Calixto, conquanto de ascendência nobre e ilustre — pois descende em linha reta a sua família de João Muniz, Cavaleiro Fidalgo que foi da Casa do Rei Dom João III, e que no ano de 1589 já possuía braço de armas, e cujos descendentes foram a origem, em 1613, dos Monizes de Gusmão da Capitania de São Vicente que se entroncaram aí com os Lemes de Niza Pedroso, os Vleiras Machado e Maciéis — nasceu todavia Benedito Calixto num meio modesto mas austero, que caracterizava a Itanhaem do tempo de seus pais. Seu pai, João Pedro, abdicando do apelido ilustre dos seus antepassados, fervoroso católico, adotou para si e para os seus o sobrenome de Jesus, no seu dizer, o nome Sacrosanto do nosso Divino Salvador...

A vida, no pequeno burgo de então, isolado nos confins da Praia Grande, era verdadeiramente patriarcal, pois aos velhos cabia a tarefa de traçar as normas de viver da pequena comunidade, num sentido de estreitar, cada vez mais, a amizade verdadeiramente fraterna que sempre reinava entre os seus habitantes.

No seu longínquo isolamento, Itanhaem precisava valer-se a si própria, particularmente no ramo de artifícios. Os jovens mais capazes aprendiam então um ofício, que exerciam não, propriamente, como profissão, mas como meio de ajuda às necessidades locais.

Calixto não fugiu à regra, e aprendeu o ofício de marceneiro, seguindo neste pormenor o exemplo de seu velho pai que aprendera o ofício de ferreiro, e que quando solicitado forjava os eixos ou calçava as rodas das antigas carretas que transitavam pela Praia Grande, entre Itanhaem e o Porto do Rey, em S. Vicente. Calixto foi também músico militante da velha banda musical de Itanhaem; mas, o seu pendor pela música era limitado, ao contrário de seu irmão, João Pedro de Jesus, que foi exímio clarinetista e de Antônio Pedro de Jesus, seu outro irmão, que fundou e regem bandas de música notáveis des São Vicente e Santos.

Calixto passou a sua infância entre a escola do Mestre João Batista do Espírito Santo, e os folguedos próprios da juventude. Mas, a sua paixão era desenhar com carvões que ele mesmo preparava, os surpreendentes aspectos das paisagens que o cercavam.

Ajudava o velho vigário nos mistérios da Igreja Matriz de Sant'Ana, acompanhando-o na sua obra missionária rio Preto e rio Branco acima. Pintava "ex-votos" que os fiéis seus amigos penduravam, em cumprimento de promessas, ao lado dos altares dos Santos de suas devoções, na velha Igreja Matriz.

Os primeiros presépios erigidos em Itanhaem pelo Natal, foram imaginados e executados por Calixto, que deu a essa prática piedosa um cunho tão tradicional, que, até hoje os seus descendentes erigem em seus lares o Presépio de Belém, e celebram o Natal diante da Imagem de Deus Menino, reclinado em sua humilde mangedoura.

Mas, Itanhaem tinha horizontes muito limitados para os jovens ambiciosos daqueles tempos. O primeiro a deixar o burgosinho plácido foi seu irmão João Pe-

dro, meu avô paterno. Após uma prolongada ausência, João Pedro apareceu um dia em Itanhaem para visitar e rever seus pais e irmãos, que ali deixara.

Calixto ficou impressionadíssimo com o seu irmão mais velho, pois o jovem João Pedro apresentou-se em Itanhaem trajando elegante sobre-casaca, colarinho duro, o peitinho da camisa rebriando na abertura do colete a fantasia, as calças impecavelmente assentadas sobre as polainas ajustadas às suas botinas de verniz.

O jovem João Pedro voltara com a sua cabeça negra repartida ao meio, numa só risca, desde a fronte até à nuca e ostentava uma bela barba à nazareno, impecavelmente talhada e cuidadosamente tratada. João Pedro havia cursado a escola do velho professor Campos, na antiga chácara da Figueira, em São Paulo, e havia feito os exames finais para o professorado primário; e deixara em São Paulo sua noiva, filha de tradicional família de Piracicaba, como ele, também, professora, e com a qual ele casou, logo depois indo ambos reger uma escola pública na Vila de Brotas.

Calixto não resistiu ao impacto que no seu ânimo causara o sucesso do seu irmão mais velho. Esperou pela festa da Imaculada Conceição, cujas novenas se aproximavam. Assistiu ao desenrolar dessa festa, com o espírito absorto e alheio... E na mesma noite em que se encerraram os festejos, arrumou ele o pouco que possuía em uma pequena tralha, despediu-se de seus pais e irmãos, e rumou a pé para Santos, palmilhando no escuro da noite a extensa e monótona Praia Grande...

Permaneceu o jovem Calixto durante algum tempo em Santos, onde o seu modesto ganha pão provinha da pintura de prosaicas taboetas, ou da composição de paisagens e figuras que ele pintava caprichosamente nas paredes e nos tetos das mansões dos Santista ricos da época.

Depois de uma digressão pelo interior da então Província de São Paulo, Calixto voltou a Itanhaem, para aí desposar, na velha Matriz, a dama itanhaense dos seus sonhos e que foi a sua dedicada companheira durante todo o resto de sua vida.

Casado, Calixto partiu com sua esposa para Brotas, onde foi residir com o seu irmão João Pedro. Mas, apesar do seu espírito combativo e do seu ânimo inquebrantável, Brotas não lhe foi propícia. Ali lhe nasceram e morreram os três primeiros filhos. Ao aproximar-se o nascimento do quarto filho, Calixto levou a esposa para Itanhaem, onde lhes nasceu uma filha, Fantina, que viria a ser a minha Mãe.

As grandes vicissitudes de Benedito Calixto, como se pode imaginar, eram sempre de ordem econômica. Disposto a vencer na luta pela vida, ele de novo abandonando Itanhaem, para fixar-se mais uma vez em Santos, com a esposa e a filhinha, disposto a erigir aí, à custa de quaisquer sacrifícios e trabalhos, um lar que até então não tivera a ventura de possuir.

Aqui começa a segunda fase de sua vida, pois foi nesta época que ele decorou magnificamente o Teatro Guarani, o que lhe valeu a viagem de estudos à Europa, onde, em Paris, em contacto com os mestres da pintura, aprendeu e conseguiu disciplinar a impetuosidade artística, que, desde a infância, lhe queimava a alma, tor-

nando-se o pintor sábio, tranquilo, que ele, depois, sempre foi.

Calixto era católico verdadeiramente convicto. Na sua árvore genealógica havia mesmo dois itanhaenses que abraçaram o sacerdócio: um foi padre secular, e o outro foi um ilustre franciscano que chegou a ser Provincial de sua Ordem no Rio de Janeiro. O seu catolicismo era tão arraigado que, às vezes, o tornava hostil e intolerante contra aqueles que o contradiziam em matéria de fé. Era natural, pois, que em Paris ele não se imiscuisse com os pintores boêmios das ruas de Montmartre, nem procurasse os livres pensadores que enxameavam o "Quartier-Latin" pregando o racionalismo, as teorias protoplasmáticas, as concepções materialistas, a religião positivista, e, sobretudo o anticlericalismo feroz que predominava na França daqueles tempos.

Ele foi morar num tranqüilo pensionato no arrabalde de Asnières, dirigido por uma austera dama francesa que costumava castigar as irreverentes brincadeiras de seus pupilos, privando-os, ao jantar..., da sobremesa!...

Nos lares da Academia e dos "ateliers" de seus professores, Calixto excursionava a Versailles ou a Fontainebleau, cujos bosquesinhos mirrados ele gostava de contemplar, porque faziam-no sonhar com as escandalosas florestas de sua terra natal; ou então passava horas a fio contemplando os mestres da pintura nas extensas galerias do Louvre, ou extasiando-se diante das famosas obras de arte de Notre Dame e da Sainte Chapelle.

Um dia foi visitar o Museu Grevin, de figuras de cera, e que, até hoje, ainda existe em Paris, atraindo os turistas que vão à Cidade Luz. Uma vez lá dentro, o praiano de Itanhaem começou por se atrapalhar no salão dos espelhos, perdendo, naquela confusão de imagens, a porta de saída... Após vários encontros com a sua própria imagem, ele foi delicadamente conduzido à porta de saída por um amável guarda. Passando a um outro salão, e não sabendo como subir ao andar superior do célebre Museu, Calixto pediu informações ao "gendarme" parisiense que calmamente se recostava a uma coluna no centro do salão. O policial, olhando-o fixamente, nada respondeu. Calixto repetiu a pergunta, caprichando na pronúncia do francês que ele vinha praticando no pensionato. Diante da impassibilidade do "gendarme" foi que ele descobriu que o homem era de cera...

Uma manhã, já em pleno inverno parisiense, Calixto desceu do seu quarto do pensionato, chapéu à cabeça, luvas postas, pronto para sair. Ao abrir a porta que dava para a rua, o praiano estacou num choque: nevava intensamente. Os flocos de neve caíam em profusão, lentamente, baloiçando-se no ar como flocos de alvíssimo algodão. Para aquele itanhaense que tinha a alma incendiada pelo sol dos trópicos, o espetáculo nunca visto de uma nevada, era mesmo para estarrecer. Calixto sentiu-se presa de uma estranha alegria. Voltou cêlere ao seu quarto, apanhou o guarda-chuva e com ele, aberto, saiu alacremenente através da nevada. Notou, porém, que as pessoas com quem cruzava na rua, além de não trazerem guarda-chuvas, riam-se à socapa... A um velho, cheio de neve nos ombros e na barba hirsuta, e que sorria dubiamente para ele, Calixto perguntou, já irritado: "De que está rindo, velho tolo..." O velho empertigou-se, sacudiu a neve da barba hirsuta e respondeu com dignidade: "Eh monsieur, o senhor é que é o tolo. Não acha ridículo andar alguém de guarda-chuva aberto sob a neve?" O praiano encabulado fechou imediatamente o guarda-chuva e então aí é que notou, surpreso, que a neve não molhava... Mas, no jantar dessa noite, Calixto ficou privado da sobremesa: porque ao regressar para o pensionato, à tarde, cheio de flocos de neve, foi aquecer-se à lareira, sem primeiro sacudir-se no vestibulo. E toda aquela neve, ao calor do fogão derreteria, pondo grandes manchas d'água no mais precioso tapete da diretora do pensionato...

Voltando da Europa, Calixto ficou residindo em Santos, onde fez uma exposição de seus trabalhos com algum sucesso. Tendo feito uma exposição de seus quadros em São Paulo, seus amigos animaram-no, sugerindo que ele viesse de mudança para a Capital, cujo meio artístico, diziam, lhe seria mais propício.

Calixto foi para São Paulo, mas pouco demorou. A vida na capital, já naquele tempo febril e agitada, deixava-o desolado. Atacou-o a nostalgia do mar que ele amava profundamente. E ele retornou para o litoral, indo fixar residência, definitivamente, em São Vicente, de onde nunca mais saiu...

Calixto era um bom. Bom na verdadeira acepção da palavra. Debaixo daquele bigode agressivo e daquela cabeleira revoltada, aninhava-se a alma simples de uma criança. Caritativo em extremo, sua casa vivia cheia de parentes que ele e a esposa criavam e sus-

tentavam. Aos domingos ele punha desde cedo toda a turma em movimento para a missa obrigatória, a que ele assistia ostentando a fita azul do Imaculado Co-

ração de Maria; e ai daqueles que não comungassem pela Páscoa da Ressurreição, pois ele era intransigente na prática da religião católica...

Tinha entretanto um grande amigo: o ministro protestante da Igreja Anglicana do José Menino. Era um inglês que admirava a cultura artística do pintor, e que, com ele, digressava sobre assuntos de Belas Artes. Mas nunca trocaram uma palavra sequer sobre religião...

A turma que com ele vivia, e que ele chamava "os meus agregados", e nós os seus netos, que

morávamos, também, em São Vicente, eramos os modelos vivos que posávamos para os seus quadros. Ele nos colocava sobre estrados de madeira, nos cobria com estôfos multicores ou vestia-nos com roupas obsoletas, nos colocava em posições incômodas, para as suas sessões de pintura, enquanto o resto da turma vinha nos espiar da porta do atelier, rindo-se zombeteiramente das nossas poses de manequins vivos. — (Continua).

BENEDITO CALIXTO -- VIDA E OBRA

Benedito Calixto de Jesús Neto — II

Certa vez Calixto precisou de um modelo para o Melchisedech de um dos seus painéis religiosos. Um dia Calixto esbarrou, numa rua de Santos, com o modelo com que sonhava. Era um mendigo, de feições estranhamente regulares, cabeça branca caída quase até os ombros e longa barba branca, derramada sobre o peito. O pintor exultou. Aproximou-se do mendigo, contemplou longamente aquela cabeça para ele maravilhosa, e pondo-lhe na mão uma grossa nota de dinheiro, convidou-o para que lhe servisse de modelo, a partir do dia seguinte, no seu atelier de São Vicente. O velho também exultou diante da generosidade de Calixto, e, da honra que o pintor lhe fazia, convidando-o para seu modelo.

No dia seguinte bateram à porta do pintor, em São Vicente. Foram avisá-lo, no atelier, que alguém lhe queria falar. Calixto sempre apressado, largou a paleta para atender ao visitante. Era um velho metido numa roupa nova barata, cuidadosamente escanhado, e o cabelo cortado rente, à escovinha. Calixto não reconheceu o homem. "Eu sou, balbucinou o velho sorridente, aquele homem que ontem o senhor convidou para lhe servir de modelo..."

Calixto compreendeu tudo num relance: o velho queria apresentar-se decentemente no atelier do pintor, e com o dinheiro que Calixto lhe dera, comprada um terno de brim barato, e um barbeiro completara a obra. Calixto bateu a porta na cara do velho estupefato e voltou vociferando para o atelier investindo este mundo tão cheio de idiotas e cretinos! E nesse dia, não mais pôde pintar...

O seu atelier era uma babel de coisas desarrumadas. Eram livros e alfarrábios de mistura com velhas indumentárias, cou-raças, achas e capacetes medievais, de cambulhada com flexas e tacapes aborígenes, arcabuzos bandeirantes de perdeneira, e um bric-a-brac de coisas incríveis, que ele usava na composição dos seus quadros e painéis.

As vezes sua esposa, impressionada com aquela desordem, pacientemente espanava todos aqueles objetos, arrumando-os cuidadosamente. Nessas ocasiões Calixto parava à porta do atelier, olhava com um riso sardônico aquela arrumação, e gritava para o interior da casa: "Quem foi que veio desarrumar as minhas coisas"?... Não se pode trabalhar sossegado nesta casa...

O seu maior martírio eram o canivete e os tocos de lápis que ele usava. Perdia-os constantemente, e era uma luta para ele e seus "agregados", encontrarem no meio daquela desordem, ou o canivete ou o almejado tóco de lápis. Deliberou-se prender três tocos de lápis a compridos barbantes, amarrando-os solidamente, um ao seu grande cavalete, outro no pé de sua escrivaninha, e o terceiro com o canivete ao seu cavalete pequeno, onde ele compunha os croquis dos seus grandes quadros.

Não mais se perderam os tocos de lápis, nem o canivete, mas as vezes ele arrastava o cavalete pequeno, preso pelo barbante ao tóco de lápis, derrubando-o estrepitosamente ao chão.

Calixto era excessivamente distraído, o que não era de estranhar, pois o artista tinha a cabeça constantemente cheia dos seus temas de arte, das suas locubrações de história, e também dos seus problemas domésticos, que não eram, as vezes, tão desprezíveis. Sucedia então que ele saía de casa sem gravata, tomava bondes errados, perdia os horários e esquecia o guarda-chuva em lugares nunca mais sabidos. De uma feita, no Rio de Janeiro, levou o relógio a um relojoeiro, para um pequeno reparo; e quando foi para buscá-lo ficou muito admirado de não se lembrar mais em que rua, e em que loja havia deixado o seu velho relógio para o conserto. E perdeu o relógio, como perdia qualquer guarda-chuva que lhes passassem na mão. Outra vez, viajou para São Paulo, ostentando um velhíssimo e rôto chapéu, cheio de manchas de tinta a óleo, e que ele tinha o hábito de usar quando trabalhava no atelier. Tal fato, para vergonha do pintor, causou grande hilaridade entre amigos que ele encontrou no trem. E ao chegar na Luz, esses amigos levaram-no pelo braço a uma loja da rua Mauá, ofertando-lhe solenemente um chapéu novo.

Era preciso que a esposa andasse de olho sobre ele, pois segundo ela dizia, ele era capaz de num belo dia sair para a rua em trajes menores.

Ele ria-se das próprias distrações, mas era impotente para corrigi-las.

Capistrano de Abreu era grande amigo de Calixto, ao qual ele tinha em grande conta e a quem lhe chamava familiarmente, "o Bene". De quando em vez Capistrano vinha do Rio, para uma temporada em São Vicente, matar saudades com Calixto e o amigo de ambos Domingos Jaguaribe; e entre os três travavam-se então intermináveis discussões sobre a história do Brasil colonial. Numa dessas visitas Calixto decidiu levar Capistrano à Itanhaém, que o historiador nortista não conhecia.

Formou-se pequena comitiva, encabeçada por Calixto, e da qual faziam parte Capistrano, Jaguaribe, e mais alguns amigos do pintor. Chegados a Itanhaém, Calixto, que era catedrático na história das capitânias paulistas, dominou logo a situação, arrastando Capistrano, Jaguaribe e o resto da turma, em grandes caminhadas pelos recantos mais notáveis da sua bem amada terra natal. Falar da história de Itanhaém, e não falar de Anchieta, era coisa absolutamente impossível, de sorte que o velho Calixto, profundo conhecedor das perambulações do apóstolo jesuíta por aquelas paragens, ia discorrendo à frente da comitiva: "aqui esteve Anchieta, ali Anchieta fez isto, acolá Anchieta-

entusiasta admirador da história anchieta de Itanhaém". E pedindo papel e tinta ao dono do restaurante, escreveu: "Vieira, Fazenda — Vulgo Tapéra — Rio — De Itanhaém, onde nunca Anchieta perdeu as botas, enviemos nosso saúdo". E assinou, convidando todos os outros a assinar. Calixto refugou fulminando a comitiva com um olhar feroz.

"Assina aqui Bene", insistiu Capistrano. Ai Calixto estourou: "Pois você Capistrano, tem a coragem deslavada de escrever ao Tapéra, dizendo que Anchieta jamais perdeu as botas por aqui?"

"Claro, disse Capistrano; e responda-me Bene: Anchieta usava botas?"

"Não. Gritou Calixto".

"Pois então, seu Bene, como é que ele podia perdê-las por aqui?". A risada foi geral. Escusado é dizer que tal missiva fora preparada por Capistrano, simplesmente para arreliar o seu velho amigo Calixto.

Calixto como pintor, era de uma meticulosidade realmente notável. Para pintar, por exemplo, a "Fundação de São Vicente", ele armou no seu quintal, uma verdadeira taba, povoada de autênticos bugres que ele fora buscar no aldeamento do Bananal, rio acima de Itanhaém. Aliás o grande quintal de sua casa de São Vicente, quando nós, seus netos, eramos pequenos, era uma maravilha. Além de frondosos jambolões, havia naquele quintal, plantados pelo próprio artista, araçaeiros, abacateiros, grumixamas, aroeiras, carambolas e pitangueiras, touceiras de tucum e brejaúvas, grupos de palmeiras, dentro as quais sobressaía a esbelta jussara, balançando o seu penacho ao vento que vinha do mar. As avenças e as samambaias cresciam livremente junto aos muros cobertos de musgo. Atirar pedras nos passarinhos, usar estilingue, eram coisas absolutamente interditas por Calixto, e por isso a passadeira tomou conta do seu grande quintal. Os sanhaços e os gaturamos vinham tranquilamente bicar as frutas maduras e os sabiás faziam ninhos nas frondes dos jambolões.

Um dia Calixto ergueu, no meio do seu quintal, como imenso gáudio de nós, crianças, um enorme mastro de navio, em cujas vergas e cordames ele dependurou grandes velas brancas de algodãozinho, ostentando as rubras cruzeiras de Cristo, das caravelas quinhentistas. E passava horas a fio, de palheta em punho, a estudar aquelas velas, ora pandas ao vento que soprava, ora caídas na modorra das calmarias; e essas velas como ele as via nos seus estudos, ele as pintou nas naus de Martim Afonso em Tumiaru. Frequentemente ele saía com a sua caixa de tintas a pintar pequenas machas do natural para utilizá-las nos detalhes de suas grandes telas.

Os seus dois quadros — "Passarinheiro" e "Armando a arapuca", dão bem idéia da vegetação luxuriante que cercava a sua casa de São Vicente, pois, ambas essas telas foram pintadas no fundo do seu quintal.

ta deliberou aquilo", e era como se o espírito do grande jesuíta estivesse pairando sobre aquela comitiva.

Terminada a longa excursão pelos recantos itanhaenses, a comitiva, exausta e cansada, reuniu-se no restaurante Spadona, para a peixada encomendada para o almoço. Depois do almoço, refeitos do cansaço, fortalecidos pelo excelente peixe do Spadona, Capistrano levantou-se e disse gravemente aos seus companheiros: "Amigos, convido-vos a enviarmos, deste belo recanto, uma saudação ao nosso bom amigo Vieira Fazenda, no Rio, grande e

Quando se aproximava as duas festas magnas de sua terra-natal, o Espírito Santo e a Imaculada Conceição, Calixto com grande antecedência transportava-se com a família para Itanhaem. Era de ver então a sua incansável atividade. Era ele que tudo previa, desde a ornamentação da Matriz ou do Convento, até os enfeites das ruas por onde transitariam as procissões. No que tocava a tradicional liturgia dessas festas, Calixto era o mestre de cerimônias intransigente, exigindo que tudo fosse feito, como faziam os seus antepassados. Não fossem lhe dizer que tal cerimônia podia ser dispensada, ou que esta outra não constava dos cânones, Calixto esbravejava com os padres, e tudo tinha de correr como corriam as festas de dois séculos passados. Ao fim, não se sabia mais quem era o festeiro: se era ele, ou aquele que para tal fora sorteado, porque Calixto assumia a direção de tudo, e toda Itanhaem era capaz de brigar para que as suas ordens fossem exatamente cumpridas.

Certa vez na entrada da procissão de uma festa da Imaculada Conceição fômo-lo encontrar replicando ele próprio os sinos, do Convento porque o sineiro havia falhado na hora marcada.

Todas as personalidades que passavam por Santos, iam procurá-lo. Rui Barbosa esteve no seu atelier em São Vicente.

O primeiro Cardeal brasileiro, Dom Joaquim Arcoverde, foi com ele visitar as ruínas da Igreja do Abarebebe, na praia de Peruibe. Com ele foram Washington Luiz e Carlos Botelho a Itanhaem. Foram seus amigos Vicente de Carvalho, Martins Fontes, Valdomiro Silveira, e todos os velhos e moços que no seu tempo faziam literatura em Santos. Alberto Loefgren andou com ele explorando os sambaquis de Itanhaem e Santos, e estudando a fauna e a flora litorânea, fazendo Calixto desses estudos belíssimas aquarelas e aguadas a nankim. Os padres do antigo Seminário Episcopal, da avenida Tiradentes, o tinham em grande conceito, pois o artista pintara para eles o pano de boca do teatrinho do Seminário, e fôra o proficiente cenógrafo da encenação do "Pindorama", a fantasia histórica composta pelo pe. Marcondes, musicada por João Gomes de Araújo, e inúmeras vezes representada pelos alunos do famoso colégio paulistano. Foram também seus amigos Dom Alberto Gonçalves, que foi Bispo de Ribeirão Preto e Dom Marcondes, o saudoso Bispo de São Carlos, que posou para ele pintar o seu quadro "Naufrágio do Sirius", e que foi o promotor da 2.ª edição do seu livro "Capitanias Paulistas", edição essa honrosamente prefaciada pelo seu não menor amigo Affonso de Taunay.

Benedito Calixto foi um dos fundadores da primeira Sociedade de São Vicente de Paulo, erigida em São Vicente, visitando como simples confrade, as famílias necessitadas que lhe eram indicadas.

Dentre os seus amigos mais chegados, quero recordar aqui Dom Duarte Leopoldo, que foi o ilustre Arcebispo de São Paulo.

Quando Dom Duarte ia para a praia de Itararé, em São Vicente, ou procurava Calixto em seu atelier, ou mandava-o chamar imediatamente a Vila Britânia.

Al foram discutidos entre ele e Dom Duarte, os temas dos painéis que o artista pintou para Santa Cecilia, os assuntos dos quadros que ele pintou para a Cúria de São Paulo, e a composição, que ele fez para os painéis de azulejos de Santa Tereza das Perdizes.

Calixto não foi um rico; mas não foi também pobre. A sua arte sempre proporcionou-lhe meios para manter com dignidade a vida simples e modesta que ele e sua família desfrutavam, ameaçou mesmo, ao termo de sua vida, economias suficientes para não deixar economicamente desamparada a sua desolada viúva. Nunca porém mercantilizou a sua pintura. Os seus quadros, encomendados ou não, eram sempre vasadas dentro do mais puro idealismo, e cada tela sua era como um pedaço arrancado à sua própria alma. Não passou também pela arte em branca nuvem. Sofreu críticas injustas que ele recebia com estoicismo. Na sua retraída modestia, sempre foi inflexão ao exibicionismo dos salões oficiais; o que todavia não lhe impediu de receber medalhas de ouro na Exposição de S. Luiz, na América do Norte, e no Salão do Rio de Janeiro, e a Comenda de São Silvestre, com a qual o agradeceu S. S. o Papa Pio XI, como galardão às suas pinturas religiosas.

Logo depois de celebrar na sua velha casa de São Vicente cercado de seus descendentes, e confortado pelos seus amigos, as suas bodas de ouro, Calixto começou a declinar seriamente na sua já abalada saúde.

Mas dentro do corpo doente, ele mantinha ainda o ânimo inquebrantável que sempre o caracterizou, desobedecendo as ordens de seu médico, o dr. Antonio Arantes, que o proibia definitivamente de pintar.

"Sómente a morte dizia ele, poderá arrancar os meus pincéis de minhas pobres mãos, que nada mais sabem fazer senão pintar".

Com efeito, só a morte arrancou-lhes os pincéis de suas preciosas mãos, pois o velho artista, à véspera de morrer, terminara os seus derradeiros quadros: os painéis que ornaram a capela do S. Sacramento da Catedral de Santos.

Mal terminados esses painéis, veio o velho artista a São Paulo, para adquirir tintas e telas; mas não mais retornou para o seu amado atelier de S. Vicente, pois a morte o colheu justamente quando ele se preparava para regressar a Santos. Morreu tranquilamente cercado de toda a fa-

mília, aos 75 anos, em São Paulo. Transportado seu corpo para Santos, foi ali recebido quase em triunfo, e processionalmente carregado a pé da Estação da Inglesa para o Cemitério do Paquetá, onde foi inhumado em sepultura

perpétua, ofertada pela Prefeitura Municipal de Santos.

Calixto era católico praticante. Nunca lhe conhecemos inimigos, porque nunca ele ofendeu ninguém; e aos que o ofendiam ele sabia perdoar. Amou profunda-

mente o lar, que ele sempre dignificou. Para se aquilatar do caráter religioso de Benedito Calixto, basta uma análise mesmo superficial dos seus grandes quadros. Em todos eles há sempre um cunho religioso, ressoando os temas que os inspiravam.

A pintura religiosa é perfeita, por isso que imbuída de sua própria religiosidade.

Conhecia bem os mistérios da religião católica, que ele estudava com afinco, de sorte que dele

não se podia dizer que fosse apenas católico de tradição, mas sim católico da mais firme e completa convicção. Não duvidamos pois que Nosso Senhor lhe tenha concedido na sua infinita misericórdia, o descanso e a luz eterna.

Tornamos os nossos agradecimentos extensivos a todos os nossos amigos que com a sua presença se dignaram participar das homenagens ora prestadas à memória do pintor itanhaense.

ITANHAE M DE OUTRORA

Benedito Calixto de Jesus, sua vida e suas obras — "Fundação de São Vicente" —
Legenda descritiva — A célebre tela exposta no Museu Paulista, custou dez contos
de réis, em 1900 — Apreciação de Victor Meirelles

LXXXIX — EDISON T. AZEVEDO

27-3-60

FUNDAÇÃO DE SÃO VICENTE



Legenda Descritiva de Benedito Calixto

Para descrever a tela histórica "Fundação de São Vicente", de autoria de Benedito Calixto, tivemos que ir em busca de elementos elucidativos e concretos para sua melhor divulgação. E isso o fizemos, prazeirosamente, no sentido de prestar nosso empenho ao valor artístico do insigne mestre, dando melhores esclarecimentos aos estudantes que apenas conhecem o trabalho através do clichê impresso nos livros escolares, longe, portanto, do aspecto da composição pictorial, dos seus personagens e de outros detalhes. Procuramos o dr. Sizenando Calixto de Jesus, filho do grande artista, fomos duas vezes ao Museu do Ipiranga, onde está a tela grande e também à Prefeitura de São Vicente, onde se encontra a miniatura, e não esmorecemos em nossas pesquisas, senão depois de senhores do assunto.

CROQUIS (1890/91)

Em 1890/91, Calixto iniciou os seus estudos a fim de poder executar o croquis de tão importante obra. Esse croquis pertence à família do nosso saudoso amigo José Alberto de Jesus (neto de Benedito Calixto de Jesus), residente na capital.

Executado o croquis, Calixto fotografou-o, enviando a cópia fotográfica em 1892, para

APRECIACÃO DE VICTOR MEIRELLES

O renomado pintor foi um grande amigo e incentivador de Calixto. Estava no apogeu da sua vida artística, o autor da "Primeira Missa no Brasil". Dignou-se dar opinião, por carta enviada em 8 de junho de 1892, do Rio de Janeiro.

Considerado satisfatório o aspecto da composição, entre outras apreciações recomendou fosse dada maior importância às figuras do primeiro plano; os grupos de portugueses um pouco maior; e por traz desse grupo, formando então outro plano, mais distante, podia ainda ver-se grupos de índios.

Victor Meirelles termina assim a sua carta: "Em fim deve conservar toda a sua originalidade, e por isso, nada mais digo, se não que o felicitado pelo seu talento e esforço. Não desanime porque esse seu trabalho o habilitará a outros de maior fôlego. Seu admirador e amigo".

A TELA GRANDE EXISTENTE NO MUSEU PAULISTA

Aproximando-se os festejos comemorativos do IV Centenário da Descoberta do Brasil (maio-1900), as autoridades e a comissão organizadora daquela festa, solicitaram a Benedito Calixto que executasse uma tela maior da "Fundação de São Vicente", a fim de figurar na grande exposição, pois a terra afonsina, durante os festejos, iria receber altas patentes e visitantes do Brasil e do estrangeiro.

Calixto empenhou-se a fundo, de sol a sol, conseguindo modelos, ves-

timentas antigas e um sem número de apetrechos. Mandou buscar no aldeamento do Bananal índios guaranis para posar. Quando pedia um ou dois, apareciam em sua casa, 10 a 15, os quais ficavam a suas expensas vários dias, pois tinham de tudo, inclusive dinheiro para o fumo e o álcool. Muitos deles já faleceram há algum tempo, porém, suas fisionomias ficaram eternizadas na célebre tela calixtiana. O capitão do aldeamento ou o chefe dos índios era afilhado de casamento de Calixto.

A obra ficou pronta sendo exposta na ex-"Escola do Povo", hoje Grupo Escolar de São Vicente, em 1.º de maio de 1900, sendo bastante elogiada.

Terminada a festa, que durou vários dias, os que encomendaram a obra, ofereceram-na ao Governo do Estado, para que figurasse no Museu, mas esqueceram de pagar o trabalho do artista.

Os dias se passaram, Calixto protestou, impondo o pagamento ou a devolução da tela. A muito custo, o pintor recebeu do Governo, a importância combinada: dez contos de réis! — hoje dez mil cruzeiros.

Há 60 anos, portanto, lá está em exposição a tela em referência, medindo 3,90 x 1,90. Foi restaurada no começo de 1959, pelo pintor russo Conde Alexandre Cilos, devidamente autorizado pelas autoridades estaduais, motivo por que se apresenta em boas condições.

FOTOGAFIAS

Dirigimo-nos, de início, à Prefeitura de São Vicente, a fim de fotografar a miniatura ali existente. Infelizmente a cópia fotográfica não oferecia meios para a confecção do clichê. Resolvemos, então, rumar para a capital, e, por duas vezes, mediante a autorização do diretor do Museu Paulista, dr. Paulo Neme, pudemos fotografar a tela original, semanalmente admirada por milhares de pessoas, às quintas-feiras e domingos. Graças à colaboração desse alto funcionário estadual, e às atenções dispensadas pelo porteiro, sr. Paulino Pastore, tivemos a satisfação de publicar, domingo último, o clichê da tela histórica, e hoje a legenda descritiva, cujo desenho, de nossa autoria, copiamos dum pequeno quadro existente no Museu. Agradecemos também ao fotógrafo João Vieira, que aquiescendo ao nosso convite, nos acompanhou mais de uma vez nessa tarefa.

LEGENDA DESCRITIVA

Calixto confeccionou um pequeno quadro, a nankin, numerando as figuras e outros detalhes pictóricos, então ofertado à Comissão da Sociedade Comemorativa do IV Centenário da Descoberta do Brasil, em 1900. Essa entidade, por sua vez, o ofereceu ao Museu Paulista. Achamos interessante o trabalho, identificando os personagens, e assim tomamos a liberdade de copiá-lo, para conhecimento dos escolares, e também dos

que nos honram com sua leitura.

Assim, partamos a explicar a numeração existente na legenda (desenho acima): 1 — Martim Afonso de Souza, o Donatário; 2 — Chefe Tibiricá; 3 — Chefe Caluby; 4 — João Ramalho, genro de Tibiricá; 5 — Antonio Rodrigues, genro de Piqueroby; 6 — o pároco Gonçalo Monteiro, que substituiu a Martim Afonso no governo da Capitania; 7 — Pero Lopes de Souza, irmão do Donatário; 8 — Porta-estandarte, de "ponto-em-branco"; 9 — Fidalgos do séquito de Martim Afonso; 10 — Família de João Ramalho; 11 — Alabardeiros e arcabuseiros; 12 — Grupo de indígenas e portugueses; 13 — Soldados da guarda do Donatário; 14 — Piqueroby, o indomável Chefe da tribo, que habitava o Tumiarú, em São Vicente; 15 — Pagé; 16 — Parlamentar enviado por Tibiricá, levando a seta quebrada, símbolo da paz; 17 — Porta-insígnias do Chefe Piqueroby; 18 — Tribo de Piqueroby, em atitude hostil; 19 — Igacabas, armas e utensílios diversos encontrados numa es-

cavação, no porto de Tumiarú, lugar onde existiu a aldeia de Piqueroby; 20 — Altar onde foi celebrada a 1.ª missa em São Vicente e local onde foi levantada a povoação que em breve foi destruída pelo mar; 21 — Antiga bandeira das Quinas; 22 — Estandarte da Ordem de Christo; 23 — Frades franciscanos que vieram com o Donatário e indígenas da tribo de Tibiricá e Caluby; 24 — Galeão "São Vicente", navio-chefe; 25 e 26 — Frota composta de caravelas e bergantins; 27 — Morro e promontório de Paranapuá, onde existe (existiu) a praia da Fortalezinha e mais além, os vestígios de trapiches, no lugar denominado "Porto das Naus"; 28 — Ilha do Sol ou Ilha do Mudo (atual Ilha Porchat); 29 — Ilha Urubuquecaba; 30 — Ponta Grossa, barra de Santos; 31 — Cabanas, onde os indígenas vinham abrigar-se por ocasião das pescarias e onde faziam os seus miquens; 32 — Caminho que conduzia ao porto de Tumiarú; 33 — Troféus; 34 — Ribeiro que era formado pelas águas do Voturua.